

### Palavra do Presidente

*Após o recesso de janeiro e fevereiro, ao reiniciar atividades dia 6 de março, nosso primeiro apelo aos companheiros de diretoria e aos colaboradores mais chegados foi no sentido de intensificar nosso trabalho, visando a ampliar a participação deste Instituto na vida cultural do Estado, assim como na defesa, na preservação e na divulgação de sua história e de suas peculiaridades geográficas.*

*Para tal fim, em primeiro lugar, estamos editando mais um número deste "Boletim Informativo", que é trimestral e cumpre importante papel, levando aos sócios e ao mundo cultural capixaba um noticiário simples e correto do que estamos fazendo e a opinião de nossos colaboradores em artigos assinados.*

*Além disso, nossa tradicional Revista especializada em assuntos de história e geografia de maior profundidade e, não raro, originais e inéditos, passará a ser bi-anual, sendo que seu primeiro número deverá circular ainda neste semestre.*

*Recentemente, chamou-me a atenção um artigo do Prefeito Paulo Hartung, em "A Gazeta", a respeito da restauração e preservação do Centro Histórico de Vitória, uma iniciativa de grande sensibilidade que vem de encontro aos nossos objetivos, e para a qual estamos oferecendo colaboração, por intermédio da Secretaria Municipal de Cultura.*

*Finalmente, pela passagem do Dia Internacional da Mulher a 8 deste mês, queremos render nossa homenagem àquelas que, fora das atividades do lar, fazem uma de suas maiores presenças no campo da História, dando contribuição valiosíssima ao bom funcionamento deste Instituto.*

*Gostaríamos de citar aqui o nome de todas as mulheres que fazem parte de nosso quadro de sócios, mas, pela exiguidade de espaço, relacionamos apenas aquelas que têm frequência mais assídua e colaboram mais de perto com a direção deste Instituto e que são Léa Brígida de Alvarenga Rosa, Neida Lucia de Moraes, Maria José Salles de Sá, Tânia Zanotti, Arlete Cypreste, Argentina Lopes Tristão, Dione Ribeiro de Menezes, Luzia Alves Toledo, Margareth Vetus Zaganelli, Maria Helena Teixeira de Siqueira, Maria Izabel Perini Muniz, Maria Lucia Zunti, Maria Madalena Czrtoryski, Marta Zorzal e Silva, Valsena Rodrigues da Costa, Wanda Capitrano Camargo e Yvone Amorim.*

Ormando de Moraes  
Presidente

### Assembléia Geral Extraordinária

A fim de decidir a respeito do destino do imóvel situado no Leblon - Rio de Janeiro, que nos foi doado por Dona Maura de Senna Pereira, estamos convidando nossos sócios, para uma Assembléia Geral Extraordinária, que se realizará às 16 horas do dia 27 de março corrente, em nossa sede na Avenida República, 374, Parque Moscoso, em primeira convocação às 16 horas, ou, se não houver comparecimento de, pelo menos, metade dos sócios, em segunda convocação, meia hora depois, com qualquer número de presenças.

O imóvel a que nos referimos é um apartamento em edifício de construção antiga e em condições precárias de conservação, não só por seu tempo de vida útil, como por estar longe das vistas dos dirigentes do Instituto.

No momento está desocupado e sem nenhuma possibilidade de ser alugado, a não ser após uma boa reforma, para o que este Instituto não dispõe de recursos.

Todo o dinheiro apurado durante o tempo em que o apartamento esteve alugado foi depositado em conta especial no Banco do Brasil e aplicado na publicação de obras de Almeida Cousin, conforme pactuado na escritura de doação.

Perdida a receita dos aluguéis, este Instituto não tem como custear as despesas de condomínio, impostos e conservação, em virtude de suas reduzidas disponibilidades financeiras, indispensáveis ao seu funcionamento.

## Adeus ao nosso Garrincha

Rogério Medeiros

Hoje não há nada que me faça escrever que não seja a respeito do poeta popular de várias gerações, principalmente da minha, que é a trajetória de Otinho - o Oto Doido -, por mais de meio século por Vitória.

Há muito que a cidade nos privou de sua presença constante. Vitória, depois que virou metrópole, não o permitiu mais viver nela. Expulsou-o para outra província. No seu caso, para uma minúscula cidade interiorana mineira, na esperança de continuar a ser reparado e amado como foi aqui até os idos de 70.

Depois de 70, Otinho passou a ser ignorado, desprezado, alijado e ainda privado dos donativos com os quais Vitória assegurava a docilidade de sua presença, declamando versos de amor para as moças da cidade, que são hoje, certamente, avós nostálgicas da Vitória pequena, afetiva e terna.

"Irmão - disse ela para mim quando passou a perceber que a cidade crescia e se brutalizava como metrópole - ando de pescoço esticado para reconhecer um conhecido e não encontro um". Tal desespero de Otinho, registrei numa reportagem para A Gazeta.

Tempos depois, ainda pelos anos 70, ele deixava Vitória definitivamente. A cidade já o ignorava. Faltava-lhe com os donativos que assegurava sua modesta sobrevivência. Faltava-lhe também com o respeito. Não havia mais condições afetivas para manter a figura de um bobo da corte. A mudança de Vitória de província para metrópole transformou Otinho em mais um mendigo da cidade. A ser mendigo aqui, ele preferiu o exílio longe.

Para a minha e para as outras gerações que desfrutaram de sua doce presença, da companhia de seu lirismo, dos seus versos recheados de amor, da sua dança do laço, havia ficado a certeza

de que dias piores viriam para Vitória. Para uma Vitória adulta, portadora de todos os males e lesões das cidades grandes. Dos assaltos, do trânsito violento. Da solidão das multidões. No seu transformismo, Vitória havia perdido suas fantasias, seus delírios. E, conseqüentemente, alijado a ternura. E por conta dela foi-se o seu poeta de rua.

Por volta de 90, ele passou a vir a Vitória uma vez por mês. Vinha para receber uma modesta pensão que Vitor Buaiz, quando prefeito, concedeu-lhe. Visitava amigos. Mas já era outro Oto. Havia, inclusive, abdicado da companhia dos cadernos onde anotava os seus poemas. E eram sempre visitas muito rápidas. Nas vezes em que era convidado a voltar, deixava a transparecer seu temor para com a violenta Vitória de agora.

Sua recusa constante firmava nos seus antigos admiradores a convicção de que Otinho não tinha mais condições para amargar as imposições das metrópoles. Alguns formavam a convicção de que ele havia perdido, sem a cidade antiga que o reverenciava, também o gosto pela vida. Trágico para quem foi uma lição de liberdade, a ponto de gritar pelas ruas, como fazia na Vitória de seu tempo, o seu amor para a sua paixão do momento (amou platonicamente muitas mulheres).

Quis o destino, contudo, para maldição da cidade grande, que Vitória fosse o cenário escolhido para o seu fim. Morte trágica, injusta, cruel como nas peças de Shakespeare. A cidade o assassinou através de um anônimo motorista de trânsito (Oto foi atropelado em uma das ruas de Vitória). Apesar de morrer dessa maneira, tenho plena certeza de que ele não queixou-se de Vitória aos deuses. Como na Tempestade, de Shakespeare, deve ter anistiado a sua cidade, com o perdão do amor:

"agora que tens  
meu perdão  
cultive-o com todo cuidado".

Obrigado Oto. Agradeço seu perdão em nome da minha geração.

### Expediente

Informativo do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Editor: Marien Calixte

Comissão: Miguel Depes Tallon, Irsson da Silva, Renato Pacheco e José Hygino de Oliveira.

Diagramação / Editoração e Impressão:

Sagraf Artes Gráficas Ltda. - Tel.: (027) 223-1377

### DIRETORIA 1993 - 1996

Presidente - Ormando de Moraes

1º Vice-Presidente - Miguel Depes Tallon

2º Vice-Presidente - Léa Brígida de Alvarenga Rosa

3º Vice-Presidente - José Hygino de Oliveira

4º Vice-Presidente - José Paulo de Sousa Filho

Secretário Geral - José Garajau da Silva

Secretário Adjunto - Victor Biasutti

Tesoureiro Geral - João Bonino Moreira

Tesoureiro Adjunto - Paulo Stuck Moraes

Orador - José Garajau da Silva

Vice-Oradores - Aylron R. Bermudes e Neida Lúcia de Moraes

## Uma tarefa urgente

---

Renato Pacheco

---

Telefona-me uma jornalista para saber quem foi Atílio Vivacqua. Telefona-me a educadora Rutelêa de Oliveira para solicitar-me dados biográficos de Bolivar de Abreu. As ruas rendem homenagem a Aristóbulo Barbosa Leão, Francisco Generoso da Fonseca, José Neves Cipreste e Mauro de Araújo Braga, todos professores, mas a memória de seus feitos vai se perdendo, paulatinamente.

Quando presidente do Bandes (grande presidente) o Odilon Borges, a Cultural Espírito Santo engatilhou o projeto de redigir uma pequena enciclopédia do Espírito Santo, em que estas e outras questões estivessem resolvidas, numa obra de referência que pudesse ser rapidamente consultada. Mas as presidências mudam e os projetos fenecem.

Depois disto, ainda pela Cultural ES, Luiz Guilherme Santos Neves e eu redigimos o "índice do folclore capixaba" que está tendo uma boa repercussão nacional e que, por um golpe de sorte, foi incluído no projeto Folclore Capixaba que o Banestes em boa hora instituiu.

Voltamos à idéia. Trata-se de um trabalho de equipe para dois ou três anos: reunir numa só e prestante obra um "índice das biografias capixabas".

Há alguns óbices, no que concerne ao critério: gente viva entra? E, entrando, quem? Na minha opinião

deve ser um índice de pessoas falecidas e que deram uma contribuição valiosa para a nossa história, em qualquer setor de atividades.

Além do "índice de folclore", já editado, e do índice biográfico aqui proposto, deverão ser editados mais dois índices: o histórico e o geográfico. Assim, com quatro obras maneiras, de fácil manuseio, o aluno, o professor, o jornalista, o servidor público, todos terão acesso pronto e rápido a nossas raízes no passado.

É óbvio que obra dessa natureza terá de ser sempre atualizada, para que não perca sua utilidade. Mas a atualização poderá ser feita bienalmente, pela mesma equipe ou por outra que sucedesse a ela.

As chamadas obras de referência são fundamentais em qualquer biblioteca do mundo, e, em geral ficam bem à vista, para fácil consulta do público usuário.

No Espírito Santo, o interessado tem de fazer longas peregrinações a algumas bibliotecas (a Pública, a do Arquivo, a do Instituto Histórico e da Instituição Jones Santos Neves) para conseguir um mínimo de informações.

Ou então, como é frequente e assinali na abertura deste artigo, telefonar para supostas "autoridades" para que elas prestem os possíveis esclarecimentos, o que é um método antecomputoriano.

Modernizar o Estado tem sido a grande meta dos governantes e devemos continuar perseguindo este ideal.

# A inesquecível confraria do Ettore

José Sebastião Witter

**D**e repente, contra toda a organização de um Congresso de História, um professor decreta que o grupo do qual eu participava não iria de forma alguma a um dos jantares programados. Ressaltava que um seminário ou curso ou que quer que fosse, cuja preocupação era a imigração italiana, não poderia ser encerrado numa churras-caria. Tinha que ser numa cantina e na do Ettore. Acrescentava ainda que eu, nesta oportunidade, ia a Vitória, no Espírito Santo, pela 23ª vez e desde a primeira ele tinha programado ir comigo até Vila Velha para me apresentar o Ettore.

Não sei se desde a primeira vez, mas há muito tempo ele me falava de Ettore e de suas qualidades. A força da vontade do amigo fez com que os que lhe são mais próximos não contestassem e logo aderissem. Quanto às responsáveis pela programação não tiveram coragem de insistir para que eu as acompanhasse. Afinal o meu destino era Vila Velha.

Saimos com destino ao restaurante depois de ter vivido uma experiência interessante no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e em seguida a uma corrida passagem pelo Arquivo Público, onde um livro que seria lançado não ficou pronto. Tudo depressa porque precisávamos chegar à casa do grande Ettore.

Depois de ultrapassar a moderna Terceira Ponte, que liga Vitória a Vila Velha percorremos algumas ruas e sempre tendo a dúvida a manter a conversa viva. Nenhum dos meus companheiros sabia bem onde ficava a tão decantada cantina. Finalmente a encontramos e fomos os primeiros a chegar. Ettore, que tinha sido prevenido para a visita destes seus convivas e de um "estrangeiro" já havia se organizado para a recepção. Encontramos e esperamos os demais. No final foram 10 amigos, que fizeram daquela noite uma das inesquecíveis de minha vida.

A cantina é uma cantina. Alegre, simples e

com uma comida boa, muito boa. É claro que eu já não faço as mesmas extravagâncias de tempos atrás. Não faço regime, mudei meu comportamento por necessidade, mas aprecio a boa mesa. Afinal a minha tradição familiar sempre me fez entender e bem o papel fundamental da mesa na vida das pessoas. Massas e vinho... E lá ficamos até bem tarde. Havia, no entanto, trabalho na manhã seguinte. E eu era o ator principal...

Preocupado com a tarefa a ser cumprida na manhã seguinte, não dormi. Fiquei pensando no que deveria melhor tratar nossas circunstâncias... Mas muito da conversa daquela noite não me abandonou durante todo o período em que custei para conciliar o sono. Aquelas figuras que me envolveram com muito carinho não me saíam da cabeça. La pelas tantas eu comecei a rever o que significa em minha vida esse pequeno grupo que a partir de agora eu denomino Confraria do Ettore.

Afinal, de todos os que estavam comigo cinco compõe essa incomparável confraria: Renato José Costa Pacheco, Luiz Guilherme Santos Neves, Léa Brigida Alvarenga Rosa (a única mulher a enfeitar o grupo), Miguel Deppes Tallon (o líder da confraria) e Ivan Borgo ou Roberto Mazzini... E este meu passeio ou devaneio noturno me fez pensar no quanto este País é rico de gente. Cada um deles tem uma história diferente. Idades também diferentes. A uní-los o fato de serem todos professores universitários e voltados para as ciências humanas. Mais ainda a literatura. Todos são excelentes escritores e, se competentes pesquisadores e acadêmicos, melhores ainda quando caminham pela ficção. E pela poesia também...

Passados tantos anos foi preciso que o Ettore entrasse na minha vida para que eu pudesse, através de uma simples cantina, encontrar uma razão de tanto eu ver em Vitória uma cidade diferente e poder entender que essa diferença está, acima de tudo nessa confraria muito especial com a qual convivo e de quem tanto tenho absorvido nestes anos que ela me permite viver um mundo tão rico, quanto o é o Espírito Santo e nesse Estado de Marataizes e Guarapari quanto são interessantes Vitória e Vila Velha.

# Noticiário

## *Boletim*

Por decisão da diretoria, em 06/03/96, foi mantida a Comissão encarregada de editar este Boletim, composta de Marien Calixte, jornalista responsável, e membros Miguel Tollon, Renato Pacheco, José Hygino de Oliveira e Irysson da Silva.

## *Lei Rubem Braga*

O Instituto designou para membros de Comissão Normativa da Lei Rubem Braga / Prefeitura Municipal de Vitória, como titular Dione Ribeiro de Menezes e suplentes Aloísio Medeiros e Hércules Dutra Campos Filho. Bom trabalho companheiros.

## *Apartamento no Rio de Janeiro*

Face às dificuldades de manter o apartamento do Rio de Janeiro, que foi doado ao Instituto pela falecida D. Maura de Senna Pereira, viúva do consócio Almeida Cousin, convocou a Diretoria uma Assembléia Geral Extraordinária para dar solução ao caso. Suas sugestões principais estão em cogitação; devolver o imóvel às sobrinhas da doadora, caso aceitem as condições da doação, ou, caso não seja viável a primeira proposta, venda publicando-se então, o restante da História da Literatura de Almeida Cousin / fascículos 4 a 7.

## *Programação do Primeiro semestre de 1996*

A consócia Léa Brigida, vice-presidente, apresentou a minuta da programação para o primeiro semestre de 1996, que, aprovada, está sendo publicada com destaque, nesta edição.

## *Zumbi*

Foi muito aplaudida a palestra do consócio Joaquim Beato, no dia 22 de novembro passado, sobre os 300 anos da República de Palmares. Recentemente o digno consócio foi nomeado pelo Presidente da República para a Comissão Nacional de Estudos sobre a escravidão, em nosso país, o que muito nos honra.

## *100 anos da Diocese*

O Centenário da instalação do Bispado do Espírito Santo foi devidamente comemorado em 29 de novembro ao ano findo. Excelentes as conferências dos consócios José Garajau da Silva e Aylton Bermudes.

## Programação para o 1º Semestre de 1996

### *Março*

- 06 - Reabertura dos trabalhos; reunião da Diretoria aberta aos sócios.
- 13 - Reunião da Diretoria. Palestra em homenagem ao "Dia da Mulher"- Dr. Job Pimentel.
- 20 - Reunião da Diretoria. Lançamento do "Boletim Informativo".
- 27 - Assembléia Geral Extraordinária.

### *Abril*

- 10 - Reunião da Diretoria, aberta aos sócios.
- 17 - Seminário: História das religiões no Espírito Santo. Coordenação de José Paulo de Souza Filho e participação de Joaquim Beato, José Garajau da Silva, Windsor Calmon Fernandes, José Hygino de Oliveira e Irysson da Silva.
- 24 - Mesa Redonda - Debate sobre reflorestamento e recursos hídricos, sob coordenação de Armando Marques Vieira.

### *Maiο*

- 08 - Reunião da Diretoria, aberta aos sócios. Lançamento da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.
- 15 - Seminário sobre a Revitalização do Centro de Vitória, em conjunto com a Companhia de Desenvolvimento de Vitória e Prefeitura Municipal de Vitória.
- 22 - Assembléia Geral Ordinária - Eleição de novos sócios e nova Diretoria; assuntos gerais.
- 29 - Reunião da Diretoria, aberta aos sócios.

### *Junho*

- 05 - Reunião da Diretoria, aberta aos sócios.
- 12 - Soleníssima sessão de início das festividades comemorativas dos 80 anos do Instituto. Homenagem a sócios falecidos e a Domingos José Martins. Posse da nova Diretoria e dos novos sócios.

*As reuniões subsequentes dependem de deliberação da nova Diretoria, a cujo cargo estarão.*

Prezado consócio:

Nãobasta pagar as anuidades: seu comparecimento a nossas reuniões é indispensável.